

A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação

Eliane Regina Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Eliane Regina Pereira
(Organizadora)

A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P974	A psicologia em suas diversas áreas de atuação [recurso eletrônico] / Organizadora Eliane Regina Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-736-9 DOI 10.22533/at.ed.369192310 1. Psicologia. 2. Psicólogos – Brasil. I. Pereira, Eliane Regina. CDD 150
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.

Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

- Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.

Ele fez um limpamento em meus receios.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada...

E se riu.

Você não é de bugre? – ele continuou.

Que sim, eu respondi.

Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas –

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros.

Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.

(Barros, 2010, p. 319-20)¹.

Escolhi Manoel de Barros para iniciar a apresentação deste ebook. Tal escolha se dá, pelo convite de Manoel a que conheçamos os desvios, o gosto por nada e o prazer pela doença das frases/palavras. Ele nos incita a encontrar os ariticuns maduros, a escrever, pensar, e gostar da agramática. Esta é a psicologia que acredito, aquela que se produz nas rupturas, nas frestas, nas discontinuidades, nas transgressões, mas, sempre nos encontramos. Não uma psicologia enclausurada em regras ou em protocolos, mas uma psicologia que se faz ciência no contato com os sujeitos. Que constrói desvios para encontrar a beleza e a potência de vida nos sujeitos e em seus momentos difíceis.

Este ebook é resultado de uma série de pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo e/ou quantitativo, pesquisas empíricas e relatos de experiência. Nele os autores descobrem e contam sobre seus caminhos, sobre sofrimento, dor, angústia, mas também sobre possibilidades, desvios e ariticuns maduros.

O livro está organizado em duas partes. A primeira parte intitulada “Reflexões

1. Barros, M. (2010). Poesia Completa. São Paulo: Leya. (6ª reimpressão).

em psicologia” consta trinta e um capítulos que apresentam diferentes temáticas, como: a prática grupal como estratégia de cuidado a jovens analisadas em duas perspectivas diferentes – abordagem centrada na pessoa e psicologia histórico-cultural; a gestação e o desenvolvimento humano ou os cuidados paliativos de neonatos e sofrimento da perda; a pessoa idosa no dia a dia e a prestação de serviço oferecida aos cuidadores; promoção de saúde e intervenções psicossociais; proteção a crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar; dependência química e relações familiares; doença crônica; suicídio; constituição da subjetividade; desinteresse escolar e arte no contraturno; motivação, satisfação e produtividade no ambiente de trabalho; inclusão de pessoas com deficiência na escola e no trabalho.

A segunda parte intitulada “Resumos expandidos” é composta de sete capítulos. Nesta parte, os autores apresentam em textos curtos, mas muito interessantes, diferentes temas, como: suicídio, qualidade de vida no trabalho, mediação extrajudicial, sexualidade infantil, psicologia educacional, e manifestações comportamentais.

Desejamos boa leitura a todos e que os conhecimentos aqui apresentados possam provocar um interesse pela agramática, como nos diz Manoel.

Eliane Regina Pereira

SUMÁRIO

REFLEXÕES EM PSICOLOGIA

CAPÍTULO 1 1

CONSTITUIR-SE SUJEITO: PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS JOVENS A PARTIR DE UMA PRÁTICA GRUPAL

Larissa Franco Severino

Eliane Regina Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3691923101

CAPÍTULO 2 15

GRUPOS DE ENCONTRO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Leonardo Farias de Arruda

Emily Souza Gaião e Albuquerque

Brenda Lauana Pereira de Souza

Danielly Scalone Maciel

Débora Simone Araújo Wanderley

Gabriel Tognin de Souza

Maria Aparecida da Silva Januário

Maria Luisa Barros Santos Lucena

Mateus Rafael Uchôa Dantas

Stéphanie Lima Fechine de Alencar

DOI 10.22533/at.ed.3691923102

CAPÍTULO 3 26

PERDAS GESTACIONAIS E NEONATAIS: QUANDO AS MÃES CONTAM

Ana Maria Saldanha Pereira

Eliane Regina Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3691923103

CAPÍTULO 4 45

DA GESTAÇÃO AO PRIMEIRO ANO DE VIDA: OS FATORES DE INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Bruna Médis Baruci

Cássia Regina de O. Dela Rovere

Eliandra Dias de Souza

Fabiana Toppan Rocha

Radila Fabricia Salles

DOI 10.22533/at.ed.3691923104

CAPÍTULO 5 75

CUIDADOS PALIATIVOS COM A FAMÍLIA DE PACIENTES NEONATOS: UM ESTADO DA ARTE

Letícia Candido da Cunha

Francini Pullig Fabre

Mariana de Abreu Arioli

Lurdes Victoria Acuña do Amaral

Cloves Antonio de Amissis Amorim

DOI 10.22533/at.ed.3691923105

CAPÍTULO 6	86
INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS E PROMOÇÃO DA SAÚDE: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO	
Ana Karine Nóbrega de Araújo	
Fábia Moraes Barreto	
Isabella Juciene Aguiar	
João Bosco Filho	
Sebastiana Gomes Bezerra	
Ana Izabel Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.3691923106	
CAPÍTULO 7	99
SERVIÇOS DE PROTEÇÃO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REVISÃO INTEGRATIVA	
Paula Orchiucci Miura	
Estefane Firmino de Oliveira Lima	
Kedma Augusto Martiniano Santos	
Mirella Cordeiro Moreira da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3691923107	
CAPÍTULO 8	114
PERTURBAÇÕES DE PERSONALIDADE E QUALIDADE DE VIDA NUMA AMOSTRA CLÍNICA DE UTENTES PORTUGUESES DOS CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS	
Bruno José Oliveira Carraça	
Daniel Maria Bugalho Rijo	
Cátia Clara Ávila Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.3691923108	
CAPÍTULO 9	127
PERCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS SOBRE SERVIÇOS PSICOLÓGICOS PARA CUIDADORES DE IDOSOS NA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE	
Rui Maia Diamantino	
Felipe Santos de Almeida	
Arly Patrícia Reis Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.3691923109	
CAPÍTULO 10	143
A PSICOLOGIA POSITIVA NO DIA A DIA DA PESSOA IDOSA	
Eliane de Holanda Silva	
DOI 10.22533/at.ed.36919231010	
CAPÍTULO 11	152
O ESTRESSE COMO FATOR DE RISCO PARA O USO DE ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS	
Luiz Roberto Marquezi Ferro	
Aislan José de Oliveira	
Ana Paula Jesus da Silva	
Flávia Fernanda Ferreira de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.36919231011	
CAPÍTULO 12	165
RELAÇÕES FAMILIARES E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA	
Gabrielly Aparecida Borges dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.36919231012	

CAPÍTULO 13	176
REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS DO ADOECIMENTO CRÔNICO EM HOMENS: IMPLICAÇÕES PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE	
Anderson Reis de Sousa Álvaro Pereira Evanilda Souza de Carvalho Ailton Santos Selton Diniz dos Santos Mateus Vieira Soares Isabella Félix Meira Wellington Caribé Santana	
DOI 10.22533/at.ed.36919231013	
CAPÍTULO 14	196
SOFRIMENTO PSÍQUICO E MAL-ESTAR SOB UM VIÉS PSICANALÍTICO	
Iane Pinto de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.36919231014	
CAPÍTULO 15	207
SUICÍDIO E OUTRAS MORTES AUTOINDUZIDAS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA	
Evandro Yan Duarte Guilherme Monteiro da Silva Maria Paula Alves Corrêa Paulo Henrique Marques dos Santos Talis Shindy Masuda Victor Antonio Kuiava	
DOI 10.22533/at.ed.36919231015	
CAPÍTULO 16	215
ALGUMAS LEITURAS INTRODUTÓRIAS SOBRE SUICÍDIO, MORTE, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE	
Ariço Chaves Nantes	
DOI 10.22533/at.ed.36919231016	
CAPÍTULO 17	229
A FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO CEGO À LUZ DA PSICANÁLISE	
Talita Franciele de Oliveira Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.36919231017	
CAPÍTULO 18	242
MITO E DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO: A SAGA DO HERÓI NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	
Kadidja Luciana Tavares Augusto Bryan Silva Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.36919231018	
CAPÍTULO 19	260
ARTE E CONTRATURNO ESCOLAR: (IM) POSSIBILIDADES DE VIVÊNCIA ESTÉTICA	
Tatyanne Couto Flor Eliane Regina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.36919231019	

CAPÍTULO 20	273
DESINTERESSE ESCOLAR: CAUSAS E EFEITOS DENTRO DA VERSÃO PSICANALÍTICA	
Veruska Soares de Andrade	
Alvaro Luis Pessoa de Farias	
Divanalmi Ferreira Maia	
Marcos Antonio Torquato de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.36919231020	
CAPÍTULO 21	285
PSICOLOGIA E APRENDIZAGEM: ASPECTOS NEUROCIENTÍFICOS E COGNITIVOS	
Eduardo Luiz Muniz Medeiros	
João Marcos Ferreira Gonçalves	
Jônatas Waschington Pereira Araújo	
Vinícius Flávio Medeiros Gomes	
João Paulo de Paiva Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.36919231021	
CAPÍTULO 22	299
AS NUANCES DO FENÔMENO BULLYING NO ENSINO PÚBLICO DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO LUÍS: ANÁLISE DE UM PROJETO PARA A APRENDIZAGEM SEM MEDO	
Ítalo Fábio Viana da Silva	
Jéssica Pinheiro Nunes	
Silvia Regina Moreira Vale	
Clemilda Meireles Gomes	
Josué Nascimento Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.36919231022	
CAPÍTULO 23	308
AUXILIARES DE APOIO À INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL	
Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.36919231023	
CAPÍTULO 24	316
A INCLUSÃO DE PESSOAS COM AUTISMO NO MERCADO DE TRABALHO: UMA REVISÃO	
Talita Martins Golf Ueno	
Tatiane Carvalho Castro Marin	
DOI 10.22533/at.ed.36919231024	
CAPÍTULO 25	328
A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO ATRAVÉS DE UMA METODOLOGIA INOVADORA DENOMINADA EMPREGO APOIADO	
Ligia Regina Pauli	
Regina Maria Joppert Lopes	
Yvy Karla Bustamante Abbade	
DOI 10.22533/at.ed.36919231025	
CAPÍTULO 26	339
A IMPORTÂNCIA DOS SENTIDOS DO TRABALHO NA MOTIVAÇÃO, SATISFAÇÃO E PRODUTIVIDADE	
Sarah Caroline Albuquerque Ferraz Santos	
DOI 10.22533/at.ed.36919231026	

CAPÍTULO 27 348

BURNOUT E ATIVIDADE FÍSICA COMO *COPING* PARA MÉDICOS PLANTONISTAS: UM ESTADO DA ARTE

Gracielen Bordignon
Thais Weiss Brandão

DOI 10.22533/at.ed.36919231027

CAPÍTULO 28 358

PSICOLOGIA JURÍDICA: ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA

Adelcio Machado dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.36919231028

CAPÍTULO 29 371

PASTORAL DA JUVENTUDE NO REGIONAL NORTE 2 DA CNBB: UMA ANÁLISE SWOT A PARTIR DA CATEGORIA DOS *STAKEHOLDERS*

Denny Junior Cabral Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.36919231029

CAPÍTULO 30 382

O PSICÓLOGO POR SI SÓ É COACH? UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Rosimeri Vieira da Cruz de Souza
Rafael Zaneripe de Souza Nunes
Caroline Zaneripe de Souza
Karin Martins Gomes
Amanda Castro
Ana Marlise Scheffer de Souza

DOI 10.22533/at.ed.36919231030

RESUMO EXPANDIDO

CAPÍTULO 31 404

A GESTÃO DE PESSOAS DENTRO DAS CARACTERÍSTICAS DOS CONFLITOS PESSOAIS, COM ENFOQUE NA PSICANÁLISE E INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL

Osnei Francisco Alves
Eliete Cristina Pessôa

DOI 10.22533/at.ed.36919231031

CAPÍTULO 32 416

IDEAÇÃO SUICIDA: UMA TRISTE REALIDADE ENTRE OS MÉDICOS E ESTUDANTES DE MEDICINA

Thalia Roberta Correia Campagnollo
Maiara Carvalho Panizza
Mariana Ribeiro da Silva
Winy Vitória de Lima
Rafael Bottaro Gelaleti
Érica Alves Serrano Freitas

DOI 10.22533/at.ed.36919231032

CAPÍTULO 33	423
CONCEITO E IMPORTÂNCIA DAS AÇÕES DE QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO (QVT): UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Marta Gislayne Gomes Leite	
Fernanda Tamyris de Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.36919231033	
CAPÍTULO 34	427
A PSICOLOGIA NO DIREITO SUCESSÓRIO: MEDIAÇÃO EXTRAJUDICIAL INTERDISCIPLINAR	
Camila Deprá	
Cristian Garcia Scolari	
DOI 10.22533/at.ed.36919231034	
CAPÍTULO 35	432
SEXUALIDADE INFANTIL: EVENTO PRECOCE OU CONSTITUTIVO?	
Mirella Hipólito Moreira de Anchieta	
Rafael Ayres de Queiroz	
Bárbara Castelo Branco Monte	
Mara Aguiar Ferreira	
Selênia Maria Feitosa e Paiva	
Daniel Mattos de Araújo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.36919231035	
CAPÍTULO 36	439
MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DO TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO EM VITIMAS DE ABUSO SEXUAL	
Patricia Laysa Silva Soares Campelo de Carvalho	
Nelson Jorge Carvalho Batista	
DOI 10.22533/at.ed.36919231037	
CAPÍTULO 37	445
RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA PRIVADA EM TERESINA-PI	
Juniane Oliveira Dantas Macedo	
Liliana Louísa de Carvalho Soares	
Patrícia Melo do Monte	
DOI 10.22533/at.ed.36919231037	
CAPÍTULO 38	452
OS POVOS KARAJÁ XAMBIOÁ E OS REFLEXOS DA CULTURA NO COMPORTAMENTO SUBJETIVO: A TRANSDISCIPLINARIDADE PRESENTE	
Helena Mendes da Silva Lima	
Maycon Douglas Silva Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.36919231038	
SOBRE A ORGANIZADORA	464
ÍNDICE REMISSIVO	465

MITO E DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO: A SAGA DO HERÓI NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Kadidja Luciana Tavares Augusto

Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade Leão Sampaio. E-mail: kadidja_lu@hotmail.com.

Bryan Silva Andrade

Professor Especialista Orientador do curso de Psicologia da Faculdade Leão Sampaio. E-mail: bryan@leaosampaio.edu.br.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo investigar a relação entre a mitologia e o desenvolvimento psicológico humano, através de uma leitura junguiana. Para tal empreitada, utilizou-se do mito da saga do herói como base para ilustração do processo de individuação. Esta pesquisa tem como método, o recurso bibliográfico exploratório, de caráter qualitativo. Será apresentada uma sucinta compreensão de algumas perspectivas, acerca da interpretação dos mitos, destacando-se a significação psicológica, no ponto de vista da psicologia analítica. Para o entendimento neste âmbito, discorrer-se-á sobre alguns conceitos fundamentais que demonstram estar profundamente emaranhados com os mitos, com sua perpetuação e compreensão. São estes conceitos: psique humana, o inconsciente coletivo, o inconsciente pessoal, consciente, complexos e arquétipos. Em seguida, será exposta a analogia do mito da saga do herói com o processo de autodescoberta e

maturação psicológica. Constatando-se que as fases que compõem a jornada do herói possuem correspondência simbólica com as fases de transição da personalidade. Os mitos, através de sua rica simbologia atuam no psiquismo humano, ativando nos recônditos do inconsciente uma força potencializadora do processo de transformação e integração do homem.

PALAVRAS-CHAVE: Mito. Desenvolvimento psicológico. Psicologia Junguiana. Processo de individuação. Saga do herói.

ABSTRACT: This article has for objective to investigate the relationship between the mythology and the psychic development of the human being's personality, in junguian psychology. For such task, it was used the myth of the heros's saga as a base for the showing the individualization process. This research has as a method, the exploratory bibliographic resource, as qualitative character. Will be presented a short historical vision, of some perspectives, concerning the understanding and interpretation of myths. being distinguished the psychological means, in the point of view of analytical psychology. For the agreement in the psychological scope, it will be discoursed on some basic concepts that demonstrate to be deeply become entangled with myths, with its perpetuation and understanding. They

are these concepts: human psych, collective unconscious, the self unconscious, conscientious, complexes and archetypes. After that, the analogy of the hero's saga myth, with the self discovery process and psychic development, will be displayed. It will be evidenced that the phases that compose the journey of the hero possess symbolic correspondence with the phases of transition of the personality. The myths, through its rich symbology act in the human psychism, activating, in the recesses of unconscious, a potential force of the transformation and human being's integration process.

KEYWORDS: Myth. Psychological development. Jungian psychology. Process of individuation. Saga of the hero.

1 | INTRODUÇÃO

A mitologia é um tema discutido desde os primórdios do mundo, e traz em suas raízes uma atmosfera de fascínios e enigmas (JUNG, 1996). Os mitos possuem “um poder de sedução dramática flagrante e, apesar de menos aparente, uma importância psicológica profunda” (*ibidem*, p. 110). Silveira (2003) elucida que, eles são intrincados por fortes e significativos símbolos, os quais atuam através de seu poder mobilizador na psique do homem; ativam potencialidades reprimidas e desconhecidas, facilitando o processo de estruturação da personalidade.

Os mitos auxiliam na assimilação de necessidades e capacidades essenciais para a passagem de um estágio de maturação para o outro (JUNG, 1996). Ou seja, possuem um papel prodigioso na transformação do ser humano.

Na história mitológica da saga do herói encontra-se em sua estrutura representações de questões que todos os seres humanos têm de enfrentar, sejam elas, em aspectos no plano físico, outros no âmbito psicológico; estes pontos podem simbolizar tensões e conflitos, de determinadas fases que o indivíduo passa na busca de sua afirmação e crescimento (CAMPBELL, 1991; NEUMANN, 2006). Deste modo, entra em ressonância com o processo de individuação, uma vez que, este é um processo que consiste na luta pelo desenvolvimento pessoal (VERGUEIRO, 2008).

Destarte, frente à jornada de maturação psicológica do ser humano, Jung (1991, 1996) acredita que é preciso repetidamente, buscar e encontrar algo ainda não conhecido por si mesmo; esta busca deve ser instigada por uma espécie de inquietação. Este estado é descrito como o estágio inicial do processo de individuação, onde externamente pode aparentar estar tudo bem, contudo, a pessoa em seu íntimo, pode estar sentindo um imenso vazio, uma completa falta de sentido e uma grande solidão. Esses sentimentos coexistem no caminho do encontro do homem com sua realidade, isto é, com o conjunto do seu ser (*ibidem*). Jung (1996) expõe que neste caminhar, há a confrontação com uma série de dolorosas constatações do que existe de errado em si e em suas atitudes conscientes, pois este é o passo inicial, reconhecer aspectos desconhecidos da personalidade, para que haja a autolibertação e a integração de sua totalidade.

Através da conceituação e características inerentes a esse processo, observa-se algumas semelhanças com as descrições simbólicas no seio dos mitos. Assim, o estudo dos mitos, com base na psicologia junguiana¹, surgiu como uma possibilidade de compreender o processo de individuação, da autodescoberta, maturação e integração, de uma forma mais específica.

Deste modo, partindo da hipótese que há uma relação entre a mitologia e o desenvolvimento da personalidade, investigar a possível conexão dos mitos com a psique humana constitui a problemática desta pesquisa. Foi realizado um levantamento bibliográfico, de caráter qualitativo e delineamento exploratório, com a finalidade de testar essa hipótese.

Frente a isso, este artigo tem como objetivo apresentar a investigação acerca da relação entre a mitologia e o desenvolvimento psicológico humano, buscando compreender, através de uma leitura junguiana, se esta relação se configura. Para tanto, tem-se também, como elemento de estudo da presente produção, discorrer sobre alguns conceitos que demonstram estar intrincados na apreensão dos mitos no âmbito psicológico, são estes: psique humana, consciente, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo, arquétipos, complexos, *ego* e *eself*.

Uma vez que, encontram-se muitas vertentes de estudos acerca do entendimento e significação dos mitos, consiste ainda, como objeto dessa pesquisa, conhecer algumas perspectivas em torno dos mitos, com o intuito de enriquecer a concepção dos mesmos. Todavia, este trabalho não tem por pretensão ater-se às diferenças entre os vários vieses e nem desenvolver uma conceituação que abranja a todos os interessados pela temática, e sim, observar se e como os mitos interagem com o desenvolvimento da personalidade. Assim, após serem apresentadas algumas visões sobre a mitologia e ter delineado em torno de componentes da psique humana, será elaborado uma discussão acerca da possível ligação destes.

Em tal empreitada, lançou-se mão do mito da saga do herói, como subsídio para edificação do estudo da vinculação investigada. A relevância deste empreendimento está na busca por desvelar conhecimentos que sejam úteis para ampliar a compreensão do complexo mundo psíquico, como este funciona e como instrumentos auxiliares – no caso, a simbologia contida nos mitos – podem influir no amadurecimento e nas transformações do homem.

Já que, o conhecimento possibilita penetrar em novos mundos, enveredar por herméticos caminhos, ainda não tão disseminados, pode expandir o horizonte de experiências no campo do entendimento do homem em sua verdadeira e misteriosa humanidade e completude; além de instigar novos estudos perante esses desdobramentos, e servir como ferramenta para aqueles que se propõem acolher e acompanhar o outro em seu sofrimento, em sua autodescoberta e em sua integração.

1. A psicologia junguiana foi fundada pelo psicólogo Carl Gustav Jung. A qual também é conhecida como psicologia analítica.

2 | REFERENCIALTEÓRICO

2.1 A mitologia e as diferentes vertentes

Muitos estudiosos, de diversas áreas do saber, abordam em suas pesquisas as profundas significações que circundam e perpassam os mitos. E o que ainda se averigua, é que mesmo com a variedade de interpretações dadas para o entendimento e explanação destes, tal temática continua a fascinar e inquietar (SILVEIRA, 2003).

Os estudos mais antigos foram feitos no século IV, antes de Cristo, pelo filósofo grego Evêmero que, assim como tantos outros, defendia que os mitos seriam transposições de histórias de épocas longínquas para outra categoria, a divina, transformando assim, heróis humanos em deuses (*ibidem*). Nas sociedades arcaicas, as narrações mitológicas eram consideradas verdadeiras. Já por volta do século XIX, ficavam na mesma categoria das fábulas, vistas como ficções; mas no século XX, voltam a ser percebidas com o antigo olhar, como verídicas, com caráter de sacralidade (ELIADE, 1994).

Também houve aqueles que defenderam a apreensão dos mitos em um viés naturalista, onde eram percebidos como alegorias de fenômenos da natureza que o homem tentava compreender. Já na modernidade, são vistos como expressão de formas de vida, são exemplos de todas as atividades significativas humanas (SILVEIRA, 2003). Há, ainda, narrativas ou relatos mitológicos cujo tema envolve a origem do mundo, dos homens, dos deuses e/ou das relações entre estes (CHAUÍ, 2003).

Frente a tantas vertentes, Eliade (1994) afirma que seria difícil encontrar uma definição para os mitos que pudesse ser aceita e se fazer acessível às múltiplas categorias não só de pesquisadores, mas também para os não-especialistas, pois o mito por si só é uma realidade complexa, podendo ser abordada por diversas e complementares perspectivas. Em associação, Campbell (2007) indica que jamais haverá um preceito definitivo de interpretações dos mitos. O autor alega que a mitologia é tudo isso, porém as explicações são sempre baseadas no ponto de vista de quem as define. E vai além, pontua que, a mitologia pode revelar-se de grande utilidade quando considerada não apenas o que é, mas como funciona, e como pode servir à humanidade em seu processo de desenvolvimento.

Ainda neste aspecto, Chauí (2003) ressalta que, o que faz a diferença, não é o objeto da narrativa, mas o modo como é narrada, proferida a mensagem. Assim, qualquer tema ou objeto pode tornar-se um mito, pois se tornam estes, ao se transformarem em valores e símbolos sagrados.

Em todo o mundo há propagações de mitos, de todas as ordens, difundidos com as mais diversificadas roupagens (CAMPBELL, 2007). Cada cultura os dissemina de sua forma, perante várias facetas, entretanto, quando se retiram os véus que encobrem as suas histórias, algumas vezes excessivos, o que se observa é a

forma universal que todos mantêm, mesmo quando desenvolvidos por grupos ou indivíduos sem o menor contato cultural entre si (JUNG, 1996). Deste modo, pode-se acrescentar que, temas similares são encontrados em lugares mais diversos e distantes, porque os mitos condensam experiências típicas por quais vivenciaram ou vivenciam todos os homens (SILVEIRA, 2003).

Segundo Jung (1996), esta forma universal traz em suas raízes características que estão sempre presentes, e a essência desses mitos é perpassada através de características dotadas de uma rica simbologia. Assim como os ritos, a mitologia tem como função primária fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar (CAMPBELL, 2007).

[...] os símbolos da mitologia não são fabricados; não podem ser ordenados, inventados ou permanentemente suprimidos. Esses símbolos são produções espontâneas da psique e cada um deles traz em si, intacto, o poder criador de sua fonte (*ibidem*, p.16).

Diante da conceituação do vocábulo símbolo, Ramos e Machado Jr. (2005), trazem que Jung usou o conceito com base em sua etimologia, *syμβallein*, onde *sym* refere-se a juntar, unir, e *ballein* significa “em direção a uma meta, um objetivo” (*ibidem*, p. 46). Assim, este termo foi aplicado para nomear a união de duas metades, a conexão de opostos de um mesmo fenômeno, algo conhecido, consciente e algo incógnito, inconsciente. Nesta vertente, o símbolo contém um grande poder de mobilização, ele “[...] representa a conexão com a energia arquetípica necessária para a consecução de feitos que alteram o estado das coisas [...]” (*ibidem*, p.47).

Campbell (1991) discorre em seus estudos que mito é o canal que fornece uma comunicação com o mistério que é o homem, com algo intrapsíquico; esta transmissão dar-se por meio das simbologias, imagens e histórias que suscitam referências significativas e profundas em cada um. A mitologia é metafórica, uma mesma palavra ou conjunto de palavras tenderá a possuir diversos sentidos (CHAUÍ, 2003). Está além dos termos, transporta a mente para o mistério intrínseco da vida, para aquilo que pode ser conhecido, experienciado, e não simplesmente contado (CAMPBELL, 1991).

Os mitos têm relação com a sabedoria da vida, fazem a ponte de contato entre a mente e a experiência de estar vivo. Representam para os homens, o confronto, o enfrentamento, desvendam como suportar e interpretar o sofrimento, deixam nas entrelinhas que o sofrimento está condicionado a vida. Mostram como reagir diante das crises, e ensinam que se pode encontrar uma compreensão voltando-se para dentro (*ibidem*).

Byington (apud BRANDÃO, 1986) afirma que os mitos, através da dimensão imaginária, delineiam padrões para a caminhada existencial. Relaciona este processo com o exemplo de como os pais ensinam aos filhos como é a vida, narrando-lhes as experiências vividas nos caminhos trilhados por eles mesmos.

Jung (1988) enfatiza que os mitos, às vezes, não exercem e repercutem fascínio

sobre os homens, não seria pela falta de originalidade e potencialidade dos mesmos, mas exclusivamente porque os símbolos dos quais fazem uso, já não conseguem expressar aquilo que o inconsciente quer ou precisa ouvir em determinadas fases da existência.

3 | A PSIQUE HUMANA

Compreende-se que a psique humana é a mesma em todos os homens, conforme Campbell (1991), esta é a experiência interior do corpo humano, onde todos os indivíduos possuem os mesmos órgãos, os mesmos instintos, os mesmos conflitos e medos. Ela existe no espaço entre a pura matéria e o puro espírito, entre o pólo instintivo e o pólo arquetípico, entre o corpo humano e a mente transcendente (STEIN, 2006). Transcendente no sentido daquilo que está além de todos os conceitos (CAMPBELL, 1991).

Silveira (2003) compara a psique a um vasto oceano, este representando o inconsciente, no qual emerge uma pequena ilha, que seria o consciente. Na dinâmica psíquica, consciente e inconsciente estão em uma relação compensatória, complementam-se mutuamente, para constituir o *si-mesmo (selbst)*², uma totalidade (JUNG, 1990). Na área do consciente, os conteúdos psíquicos relacionam-se com o *eu*, o qual é o centro do campo da consciência³, e os aspectos psíquicos que não apresentam relações com o mesmo, compõem o domínio do inconsciente (JUNG, 1988). A “consciência é a percepção dos nossos próprios sentimentos [...]” (STEIN, 2006, p. 21), e o *ego*⁴, que é o seu núcleo, funciona como “[...] uma espécie de espelho no qual a psique pode ver-se a si mesma e pode tornar-se consciente” (*ibidem*, p. 23), esta é a autopercepção. Assim é o *ego* quem coordena todos os atos conscientes, além de barrar alguns conteúdos que estão em oposição a ele.

A teoria junguiana entende que no inconsciente, há o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal refere-se às camadas mais superficiais do inconsciente e é constituído por conteúdos decorrentes de experiências e aquisições individuais (JUNG, 1990). Estão contidas neste: memórias reprimidas; traços de acontecimentos do decorrer da vida e que foram perdidos pela memória consciente; qualidades inerentes ao indivíduo que coexistem ocultamente, pois não são aceitas pelo mesmo, permanecendo na obscuridade (SILVEIRA, 2003).

O inconsciente coletivo é composto por experiências impessoais, pois é considerado um substrato psíquico comum a todos os seres humanos, o qual é

2. A personalidade em sua totalidade, Jung (1988) denominou de si-mesmo (*selbst*), o qual seria um arquétipo, que abrange toda experiência humana. Jung desenvolveu uma extensa monografia sobre essa temática no livro *Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*.

3. Jung (1988) expõe o eu como o centro do campo da consciência, mas não como centro da personalidade, pois esta, em seu aspecto global, envolve não só o campo consciente, mas também o campo inconsciente, aqueles traços que o sujeito desconhece.

4. O termo técnico *ego* tem origem na palavra latina que significa eu. Assim, ele é empregado no sentido do mesmo, tanto por Jung como por seus discípulos.

transmitido por hereditariedade, através dos arquétipos (JUNG, 1988). Nesse nível, nada existe de único ou individual, a individualidade encontra-se em outras áreas da personalidade, pois esta é uma luta pessoal pela ampliação e aquisição da consciência (JUNG, 1990; STEIN, 2006).

De acordo com Jung (1990, 2002) o inconsciente coletivo é a camada mais profunda da psique humana, o conteúdo do mesmo é a combinação dos arquétipos com os instintos. O arquétipo é considerado como fonte essencial dos símbolos psíquicos e das imagens primordiais. Silveira (2003, p. 68) o explica como “[...] depósito das impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais [...] repetidas incontrolavelmente através de milênios”. Os arquétipos são reativados por ressonância entre as condições atuais do indivíduo e experiências semelhantes já vividas pela humanidade (SILVEIRA, 2003).

Os instintos estão intrincados no corpo físico e são destinados a preservação da vida; o corpo possui seus próprios mecanismos de sobrevivência, que são as funções vitalistas. A energia instintiva pode ingressar na psique sob várias formas, como pensamento, emoção, memória ou fantasia; e o homem é o único entre os animais que tem certo poder de escolha e controle sobre suas ações frente seus impulsos instintivos (STEIN, 2006). Uma vez que os instintos, assim como os arquétipos, possuem suas raízes no inconsciente coletivo, encontram-se intimamente emaranhados, “[...] o arquétipo fornece forma e significado ao instinto, e o instinto fornece energia física em bruto às imagens arquetípicas para ajudá-las [...]” a realizar suas metas (*ibidem*, p.95).

O inconsciente pessoal é povoado por complexos, que por sua vez, são dotados de forte carga emocional, que lhes fornecem vida própria emergindo no campo do consciente. Para uma melhor compreensão da existência desses, Stein (2006) faz uma analogia onde, a consciência do *ego* seria o planeta Terra, o inconsciente o espaço sideral, que possui vários satélites, os quais seriam os complexos:

Agem como instintos na medida em que produzem reações espontâneas em determinadas situações ou pessoas, mas não são puramente inatos da mesma forma que os instintos são. São, sobretudo, produtos de experiência – traumas, interações e padrões familiares, condicionamento cultural. Estes combinam-se com alguns elementos inatos, a que Jung deu o nome de imagens arquetípicas, para formar o conjunto do complexo em seu todo (*ibidem*, p. 52).

Os complexos quando ativados por estes estímulos, fatos, memórias e/ou imagens, ocasionam perturbações na consciência. Quando isso acontece, costuma-se dizer no âmbito junguiano que, ocorreu a constelação de um complexo, pois algo desencadeou um processo psíquico carregado, que consiste na aglutinação de determinados conteúdos; “uma força intrapsíquica foi chamada à ação por uma situação constelante” (*ibidem*, p. 47). O *ego* também é considerado um complexo, pois é uma teia de elementos que formam uma unidade coesa e possui uma fonte de energia capaz de controlar determinadas situações, por isso o mesmo, em muitas pessoas é capaz de neutralizar, em parte, os efeitos de alguns outros complexos

(*ibidem*).

Jung (1990) alega que a interconexão entre essas instâncias, consciente, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo, complexos, arquétipos e instintos, é determinante do processo de individuação. Este processo é definido como a ação de diferenciação psicológica, que resulta no desenvolvimento da personalidade individual, na qual a pessoa torna-se inteira e distinta das outras pessoas. Com base nisso, Silveira (2003, p. 89) acrescenta que “aqueles que não se diferenciam permanecem obscuramente envolvidos numa trama de projeções, confundem-se, fusionam-se com outros e desse modo são levados a agir em desacordo consigo, com o plano inato do ser”. A individuação, só é possível se houver uma relação entre a consciência e o inconsciente, entre o *ego* e o *self*⁵. Pois é através da aceitação por parte do *ego* das manifestações advindas da dimensão do *si-mesmo*, que esta integração acontece (SHARP, 1991 apud VERGUEIRO, 2008; JUNG, 2002 apud VERGUEIRO, 2008).

É importante esclarecer que individuação, no sentido em que é utilizado por Jung, não quer dizer ser individualista, egoísta, no significado usual da palavra. Individuação, nesta vertente, tem relação com a realização da singularidade que é cada homem, é se tornar o ser único que de fato é, o que resulta num melhor funcionamento do indivíduo na coletividade, em suas relações interpessoais. Completamente distinto do individualismo, pois este acentua aspectos particulares, fomentando sentimentos de orgulho e privilégios individualistas (JUNG, 1990; SILVEIRA, 2003).

O processo de individuação foi descrito inicialmente como, uma tendência inata que o sujeito tem de buscar, sua unidade, sua totalidade, o que é realizado por um processo lento e imperceptível de crescimento psíquico; aos poucos vai tornando-se mais perceptível, apresentando uma personalidade mais ampla e amadurecida. Buscar o *si-mesmo* é um fim e um princípio, é um movimento que surge como um acordo entre a semente de totalidade que existe em cada um e o mundo exterior. Quando o indivíduo se entrega seriamente ao processo de individuação, muitas transformações ocorrem (JUNG, 1991, 2002).

Jung (1988) frisa que há uma grande diferença em ser inteiro e ser perfeito. Perfeição anula quaisquer traços de imperfeição, e perfeição na forma como é compreendida, não dá margens para erros ou conflitos. No entanto, o homem é imperfeito, está sempre em mutação. Já a inteireza abre possibilidade para a integração dos opostos, das características tidas como aceitáveis e as repreendidas pelo controle moral dos próprios indivíduos, que não querem reconhecê-las como pertencentes a si.

Com base nesses pressupostos, Jung (2002) conclui que, os componentes básicos dos mitos emergem dos arquétipos que permeiam o inconsciente coletivo, aí se explica as similaridades entre os processos de desenvolvimento dos seres

5. Lembrando que *self* é aqui empregado no sentido do termo *selbst* (*si-mesmo*).

humanos.

4 | O MITO DA SAGA DO HERÓI E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

O mito da saga do herói é o mais conhecido e perpetuado em todo o mundo (JUNG, 1996), entretanto, muitas vezes não é demonstrado de forma explícita, mas atravessado por grandes histórias de desbravamentos repletas de ficção e simbologias, e outras vezes por histórias reais, que trazem em seu seio os mesmos esquemas (CAMPBELL, 1991).

Além disso, nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinhos; pois os heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido. Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói. E ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro da nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro (CAMPBELL, 2007, p. 51-52).

Nas narrações mitológicas do herói, há uma grande variação nos detalhes, mas mantém-se uma semelhança estrutural, o que os evidenciam são traços universais mantidos (JUNG, 1996). E as peculiaridades pertencentes são: a realização de proezas sobre-humanas, onde o herói enfrenta desafios e adversidades, faz renúncias, para no fim, depois de uma longa e tortuosa trajetória chegar a superações e transformações, frente a um ciclo de morte e renascimento. Acerca da simbologia do processo de renascimento, da passagem de uma fase para outra, todas as etapas da existência são marcadas por ela, a chegada à adolescência, a vida adulta, a velhice e à morte. (CAMPBELL, 1991).

Um herói é aquele que realiza um ato supremo (CAMPBELL, 1991). Segundo Neumann (2006) há três tipos de heróis, um deles, é aquele cuja ação transforma o mundo, é tido como o líder, como fundador, como o libertador. O outro é aquele que enaltece a vida interior, a sabedoria, é visto como o messias, o redentor, atua com a fé, que se tem como exemplo, a história de Jesus Cristo. Ambos os tipos de heróis estão ligados com a transformação do mundo, são movidos pelo coletivo, já o terceiro tipo, é mais restrito, visa à transfiguração da personalidade, a autotransformação, o efeito da mudança sobre o mundo externo é um aspecto secundário.

Na visão de Campbell (1991), há dois tipos de proezas heróicas a serem seguidas, uma delas é física e a outra é espiritual. Na primeira, o herói pratica um ato de coragem durante uma batalha, ou salva uma vida, como na história dos doze trabalhos de Hércules⁶ (BRANDÃO, 1987). Na segunda, “o herói aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem” (CAMPBELL, 1991, p. 137), como na narrativa de Moisés e os dez mandamentos (ZAMAGNA, 1988). Neste, também há uma série de aventuras desafiadoras, onde o

6. O nome deste herói vem da origem grega *Heraklês*, que é a mesma origem do nome latino *Hércules*. Deste modo, *Hércules* também é conhecido como o herói *Hércules*.

herói abandona determinada condição, se encaminha na direção de algo profundo, passa por diversas provações e posteriormente encontra a fonte da vida, que o conduz a uma condição mais rica e madura. Desta enigmática aventura obtém o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes, então lá, toma a decisão de retornar para o mundo anteriormente habitado, para compartilhar as visões, ideias e inspirações advindas diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humano (CAMPBELL, 2007).

Em ambas as proezas, o herói não é apenas um aventureiro comum, ele é movido por algo transcendente, está sempre pronto para enfrentar a situação, como define Campbell (1991, p. 143), “nessas histórias, a aventura para qual o herói está pronto é aquela que ele de fato realiza. A aventura é simbolicamente uma manifestação de seu caráter”.

Este percurso é enveredado não apenas por escolha do próprio aspirante a herói, pois há duas espécies do mesmo. Um se dispõe intencionalmente e responsabilmente para realizar essa empreitada, o outro é lançado frente a essas aventuras, sem que fosse sua intenção, mas acaba por enfrentá-la e se surpreende com um mundo novo e transformador, descobrindo em si forças e potencialidades que não conhecia (CAMPBELL, 1991). Em torno desta jornada consciente e intencional, Jung (1988) explica que, o sujeito que o realiza de espontânea vontade, não fica a mercê de consequências e surpresas arrebatadoras, pois poderá adotar medidas de precaução que o ajudem a passar por esse processo de individuação, de integração, sem ser dominado pelo destino.

Para Jung (1996) o mito do herói é um arquétipo, e seu significado psicológico está relacionado tanto ao desenvolvimento da personalidade individual do ser humano, quanto à busca da sociedade para estabelecer uma identidade coletiva. Ressalta que, “representa os esforços que fazemos todos para cuidarmos dos problemas do nosso crescimento, ajudados pela ilusão de uma ficção eterna” (*ibidem*, p. 112). Coadunado, Campbell (1991) em suas discussões diz que em todos os homens espreita um herói. E especifica-se mais, quando defende que “o herói é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humano” (CAMPBELL, 2007, p.28).

Jung (1996) em seus estudos faz uma analogia das fases de desenvolvimento da psique total do indivíduo com as fases do mito do herói, através das representações simbólicas faz associações com todo o processo de tomada de consciência do *ego*. Enfatiza que esta é a essencial atribuição deste arquétipo, pois possibilita ao indivíduo o conhecimento de suas forças e fraquezas, preparando-o para os desafios e surpresas que a vida lhe apresentará.

Nesta perspectiva, Boechat (2004) cita que em todo o complexo há um arquétipo, e que no núcleo do complexo *egóico*, está o arquétipo do herói. Deste modo, para compreensão da organização da consciência, do ponto de vista arquetípico, os mitos de herói são fundamentais, pois a energia constituinte na relação *ego-Self*, organizam

o *ego* nos chamados episódios de transição, sendo fundamentais no processo de individuação (*ibidem*).

Na visão da psicologia analítica, entre o *eu* e o *self* há uma dialética incessante, percebe-se o homem não a simples margem do *eu*, pois o levaria a procurar o sentido de existência fora de si mesmo. Entretanto, a compreensão do *self* como o próprio centro, traz a luz um sentido transcendente, onde sai do isolamento do *eu* e de uma problemática excessivamente pessoal, abrindo portas para as riquezas do mundo interior, onde o homem “perde” a sua individualidade particular e mergulha na mente da humanidade, nas camadas mais profundas, na mente do inconsciente, onde todos são iguais (JUNG, 2008).

Segundo Storr (1973) a jornada do herói simboliza as empreitadas da primeira metade da vida. E alguns autores como Campbell (1991), trazem que o processo de transição da infância para adolescência, pode representar uma aventura arquetípica, o desabrochar de um novo mundo; assim histórias com rica simbologia podem ser úteis como modelos de desenvolvimento. Os símbolos contidos nestas, atuam como facilitadores na integração da nova etapa de sua existência, assim como ajudam a assimilar conteúdos inconscientes, trazendo-os para luz da consciência, em uma descoberta de habilidades e potencialidades inovadoras (RAMOS; MACHADO JR, 2005).

Vargas (apud BRANDÃO, 1987) afirma que o arquétipo do herói, está constelado na personalidade na fase da adolescência, neste é chegado o momento de enfrentamentos, de “sair do mundo parental, para a morte simbólica dos pais e do filho, para assim poder surgir o indivíduo, o adulto” (*ibidem*, p. 10). Contudo, há alguns autores, entre estes o próprio Jung (1996), que acreditam que algumas pessoas não concluem esse caminho de transição psicológica na idade fisiológica da adolescência propriamente dita, alguns, mesmo depois de adultos, continuam a apresentar comportamentos, atitudes e fantasias infantis e imaturas. Frente a isso, Vargas (apud BRANDÃO, 1987) acrescenta que as imagens heróicas serão sempre reativadas quando for preciso agregar em algum aspecto de vida, na consciência pessoal, algo novo e transfigurador, algum comportamento ou qualidades que ainda não foram integradas.

Pouco importa o estágio ou grau da vida em que o indivíduo se encontra, o dinamismo do herói abre as cortinas de um mistério de transformação, seja um ritual, um momento de passagem espiritual ou qualquer limiar de desenvolvimento (CAMPBELL, 2007).

A aventura mitológica da façanha do herói é caracterizada por três etapas fundamentais, são estas: a separação, a iniciação e o retorno. A primeira corresponde ao afastamento da ênfase do mundo externo para o mundo interno, ou seja, para o inconsciente infantil, que é onde habitam as dificuldades, os monstros e auxiliares secretos da infância, além das próprias potencialidades vitais que ainda não conseguiram desabrochar (*ibidem*).

Jung (1996) compara este período a um personagem dominado por suas necessidades mais primitivas, que possui a mentalidade de uma criança. Esta temporada é apresentada nas histórias quando o candidato a herói recebe o chamado para aventura, representada por terras ou reinos distantes, por uma floresta, castelos, lugares secretos ou algo assim. Essa separação configura-se como a passagem pelo portal que separa o conhecido do desconhecido, para uma região de tesouros e perigos, porém ao invés de ir para além do mundo visível, ele vai para dentro do útero do mundo, para nascer de novo (CAMPBELL, 2007).

Respondendo ao apelo da empreitada, o herói desvincula-se dos laços da família e das rotinas cotidianas, e tal como longe do olhar parental há risco para a criança, assim é para o aspirante a herói, este passa a caminhar por áreas ameaçadoras e inexploradas (BRANDÃO, 1987; SILVEIRA, 2003). Quando há a recusa do chamado, uma vez que, sempre é possível desviar a atenção para outros interesses, o candidato a herói torna-se uma vítima a ser salva, sua vida dá a impressão de falta de sentido, tudo o que lhe fica ao alcance é criar novos problemas para si próprio (CAMPBELL, 2007).

Já aqueles que aceitaram o chamado, encontrarão em seu caminho uma figura protetora, estes geralmente são anciões, guias, guardiões ou outros personagens divinos e/ou oníricos, que fornecem amuletos para ajudá-los a se protegerem dos inimigos e das forças obscuras com que irão deparar-se (CAMPBELL, 2007). Estas figuras divinas são representações simbólicas da psique total, que vem suprir o ego da força que lhe é omissa (JUNG, 1996).

O poder destes talismãs obtidos atua como protetor ao longo das experiências assustadoras na iniciação do próprio labirinto pessoal, em que o ego está fragilizado. Tendo cruzado o limiar, o neófito encontra-se neste segundo ciclo, a iniciação, a qual é tida como o pico das aventuras mais difíceis, onde terá que sobreviver e ultrapassar sucessivas provas, seguindo uma trilha de lutas, de desgostos e temores fantasmagóricos, onde figuras simbólicas podem devorá-lo. Progredindo lentamente na iniciação da própria vida, poderá alcançar vitórias preliminares, vislumbrando relances momentâneos da terra das maravilhas (CAMPBELL, 2007).

Este é o estágio da entrega e da purificação do eu, o confronto resume todo o percurso desta autodescoberta, pois só assim, poderá tornar todos os seus aspectos claros, reconhecendo a existência deles, para posteriormente abdicá-los em prol de si mesmo, assimilando os seus lados desconhecidos e renegados (*ibidem*).

Para a maioria das pessoas o lado escuro ou negativo de sua personalidade permanece inconsciente. O herói, ao contrário, precisa convencer-se de que a sombra existe e que dela pode retirar sua força. Deve entrar em acordo com o seu poder destrutivo se quiser estar suficientemente preparado para vencer o dragão — isto é, para que o ego triunfe precisa antes subjugar e assimilar a sombra (JUNG, 1996, p. 120).

Quando os aspectos desconhecidos da personalidade mantêm-se sempre reprimidos, sem serem, pelo menos, parcialmente assimilados pelo consciente,

irão manifestar-se de outras formas, só que carregados de ressentimentos, onde o impulso que antes era inofensivo, natural, tornar-se-á um inimigo (JUNG, 1988). Assim, Campbell (2007) narra que dentro de cada indivíduo residem todos os deuses, todos os ogros, o céu e o inferno, e que no avançar do percurso, o herói descobre os bruxos convertidos em deuses e os dragões em guardiões dos limiares. Este é um processo de reconhecimento.

Jung (1996) remete-se a este ciclo como um personagem que inicialmente aparece como um animal, que não alcançou ainda a plenitude da dimensão humana, mas empreende o sacrifício de seus impulsos infantis e instintivos em prol do desenvolvimento da consciência individual. Explica que, para esta, o homem tem que enfrentar seus próprios demônios, pois só assim, integrando os seus traços, é que encontrará a sua reserva de forças para sacrificar o seu caráter infantil e libertar o homem amadurecido, vivenciando o “drama do renascimento através da morte” (*ibidem*, p.122).

O *ego* primitivo liberta-se da tirania das ambições paternas e das fantasias projetadas, há um reajustamento de sua relação emocional com os mesmos. Ultrapassa o enlevo de suas limitações pessoais, transmutando as imagens infantis e afetivas do seu passado (CAMPBELL, 2007). Nesta ascensão, o conflito se manifesta pela batalha entre o herói arquetípico e os poderes cósmicos do mal, personificados pela variedade categórica dos monstros. Estas lutas podem ser vividas várias vezes, até que haja a liberação da energia necessária. Elas representam os conflitos do consciente contra a obscuridade do inconsciente (JUNG, 1996).

As últimas proezas miraculosas vivenciadas, o teste final desse estágio, representam para Campbell (2007), as crises de percepção por meio das quais a consciência foi expandida e capacitada a enfrentar as forças destruidoras. Já o fracasso diante da empreitada, na luta contra seus dragões, traduz-se como restrição, limitação ao processo de integração; é análogo a não desvinculação dos fantasmas emocionais do passado, ao envolvimento com os problemas dos pais; e aqueles que falharam, tendem a se manter preocupados com assuntos gerais, deixando a deriva o fator humano-pessoal, individual (NEUMANN, 2006).

A conquista da barreira final, da suprema provação, pode ser simbolizada pela morte. Neste sentido, Campbell (1991) fala que a morte ou a partida, é o último ato da biografia do herói. No entanto, a morte que se fala nos mitos, apresenta-se não no sentido literal, mas pela transformação de algo velho, que dá espaço para algo novo, uma consciência nova, configurando-se um novo caminho de vir a ser, mas só há a transformação de algo, quando se desconstrói as estruturas cristalizadas. O sacrifício pode simbolizar também esse processo (JUNG, 1991, 1996).

Os mitos falam sobre a metamorfose da consciência de um tipo ou de outro, esta é a recompensa do herói, a qual é conhecida por muitos nomes, como: tesouros, o elixir da vida, a cativa a ser libertada, pedra filosofal, a libertação, a iluminação, entre outros (CAMPBELL, 2007; NEUMANN, 2006). O encontro com essa categorização

de tesouros é um fenômeno que surge de dentro para fora, como advindo justamente do *si-mesmo*, fruto do impulso da individuação, em seu fluxo natural (JUNG, 1991).

Após esta transmutação o aventureiro pode regressar e ensinar as lições que aprendeu. Aqui, configura-se a passagem para o terceiro ciclo desta série de façanhas, o retorno. Nesta etapa, Jung (1996) menciona que há uma desvalorização da inconsciência anterior, o herói, passa a se expressar de modo mais sensato e a fazer coisas mais úteis, deixando para trás, o comportamento bobo, brutal, primitivo e infantil. Ocorrem mudanças de padrões na totalidade da personalidade, não só no aspecto consciente, mas também no inconsciente, pois o mesmo produz os seus próprios equilíbrios, por isso, compara este processo ao renascimento (CAMPBELL, 2007).

Com o circuito anterior completo, o herói é requerido a passar pelo limiar do retorno ao reino humano, à terra cotidiana. Contudo, esta responsabilidade, algumas vezes é objeto de recusa, pois o imbuído de tal tarefa duvida da possibilidade de comunicar a mensagem de sua realização. O final do percurso é paradoxal e extremamente difícil, pois abdicar o estado de graça profundo da existência primordial, não é fácil (CAMPBELL, 2007).

[...] o herói tem de penetrar outra vez, trazendo a benção obtida, na atmosfera há muito esquecida na qual os homens, que não passam de frações, imaginam ser completos. Ele tem de enfrentar a sociedade com seu elixir, que ameaça o ego e redime a vida, e receber o choque do retorno, que vai de queixas razoáveis de duros ressentimentos à atitude de pessoas boas que dificilmente o compreendem (*ibidem*, p.213).

Entende-se por isso que, empreender o caminho de autodescoberta e libertação, ocasiona muitas mudanças, atuando em padrões há muito tempo fixados, em toda uma estrutura de relacionamentos. Requer muitos desafios, entre eles, o de enfrentar aqueles que fazem parte de seu ciclo de vida, e que apresentam teias profundamente interligadas ao seu modo de funcionamento. Assim, percorrer a jornada de individuação interfere nestas relações e as modificam, daí a dificuldade em penetrar outra vez nesse mundo. Para Neumann (2006) justamente por se desviar da norma humana, dos funcionamentos coletivos, é que o homem é tido como herói, pois experimenta algo diferente, incomum, não só no aspecto coletivo, mas no seu íntimo, ele vivencia a sua existência própria e autônoma.

Eis a derradeira proeza para se completar a aventura, o destino o convoca a viver; o campo de batalha é o campo da vida, o herói tem que sobreviver ao impacto do retorno, e manter a autoconfiança frente às desilusões conformadoras (CAMPBELL, 2007). Jung (1996) expõe que os jovens sempre têm de correr este risco, pois se os mesmos não lutarem por ideais e objetivos maiores do que os que estão de fácil acesso, dificilmente poderão vencer os obstáculos que irão deparar-se entre a adolescência e a maturidade humana.

Como resultado final deste empreendimento heróico, tem-se uma personalidade desenvolvida e responsável, a formação de um indivíduo integrado em sua completude

(STORR, 1973). As integrações dos conteúdos inconscientes repercutem sobre o campo do *eu*, ampliando suas fronteiras de consciência como o seu próprio significado (JUNG, 1988). Cada qual se descobre aperfeiçoado, enriquecido, conecta-se com a fonte potencial intrínseca no seio do *self*, no entanto, muitas vezes inibida. O mito da jornada do herói trata-se da excepcional história da chegada da humanidade à idade adulta, é a conquista da própria individuação do *self* (CAMPBELL, 2007; SILVEIRA, 2003).

5 | METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico, pois como discute Cervo e Bervian (2002, p. 65), uma pesquisa bibliográfica “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema”, assim, optou-se por esse segmento. A abordagem metodológica adotada é de caráter qualitativo, pois o tema investigado dificilmente seria abordado quantitativamente, devido às suas especificidades. E o delineamento seguido foi o exploratório, este método forneceu informações contextuais que serviram de base para o desenvolvimento do artigo apresentado.

As informações contidas neste, são provenientes da coleta inicial de materiais em torno do processo de individuação do ser humano, na vertente da psicologia analítica. No decorrer dos estudos, conhecimentos no âmbito da mitologia foram sendo somados a estes, corroborando com o objeto de pesquisa dos investigadores, a relação dos mitos com o desenvolvimento psicológico.

Para concretização deste, fez-se uma leitura junguiana do material coletado. Teve-se por preferência documental, os livros, mas também foi lançado mão de teses e pesquisas publicadas em artigos e revistas, disponíveis em sites da internet. Como fonte primária, obras junguianas e como secundárias: obras que discutem sobre os mitos.

6 | RESULTADOS

O simbolismo do mito da saga do herói é relevante para a estruturação da personalidade humana; sempre que algo novo vai ser implantado na consciência pessoal e coletiva, o arquétipo do herói deverá ser ativado, pois símbolos dotados de forte carga emocional e de potencial mobilizador estão intrincados nas grandes metamorfoses (VARGAS apud BRANDÃO, 1987). Como relata Boechat (2004, p. 143), “o símbolo é essencial para que ocorra o processo de individuação, para que as representações do *Self* se manifestem de alguma maneira, aos processos egóicos, conscientes, e o desenvolvimento da consciência se produza”. Deste modo, quando o consciente precisa fortificar-se para poder realizar alguma tarefa, os símbolos heróicos surgem aproximando-o das fontes de energia inconsciente (JUNG, 1996).

Neumann (2006, p. 148) concorda que o destino arquetípico do *ego* é retratado em termos simbólicos pelo destino mitológico do herói, este último, “[...] serve de modelo; as suas tarefas e sofrimentos ilustram aquilo que mais tarde caberá a cada indivíduo”. E acrescenta que a diferenciação e a retratação dos estágios arquetípicos são importantes, possibilitam distinguir em que etapa o *ego* se encontra e como está o desenvolvimento da consciência do indivíduo.

A psique do indivíduo se desenvolve (tal como o mito do herói) a partir de um estágio primitivo infantil – e muitas vezes imagens destas etapas primitivas podem aparecer nos sonhos de adultos psicologicamente imaturos [...]. O segundo estágio poderá ser a temerária busca de emoções, da adolescência [...] Um estágio posterior pode suscitar, no final da adolescência, sentimentos de idealismo e de sacrifício [...] (JUNG, 1996, p. 116).

Contudo, Jung (1996) ressalta que na visão psicológica, é preciso ter uma maior atenção, pois a figura do herói não deve ser entendida como idêntica ao *ego* propriamente dito. Deve-se ter na imagem do herói modelos de inspiração e transformação, e não de identificação, pois o homem é humano, e não um semideus ou um deus com poderes sobrenaturais (VARGAS apud BRANDÃO, 1987).

Todo o sentido do mito onipresente da passagem do herói reside no fato de servir essa passagem como padrão para homens e mulheres, onde quer que se encontrem ao longo da escala. [...] Cabe ao indivíduo, tão somente, descobrir sua própria posição com referência a essa fórmula humana geral e então deixar que ela o ajude a ultrapassar as barreiras que lhe restringem os movimentos (CAMPBELL, 2007, p.121).

Por fim, conclui-se que, as imagens e histórias mitológicas portam em sua atmosfera, magníficos desvelamentos, falam do profundo mistério da saga do próprio ser humano, da jornada de individuação, transportam a mente humana para um mundo de figuras e significações enigmáticas. A formação da personalidade é representada, pelas etapas da extraordinária e arrebatadora aventura mitológica da jornada do herói. E o acesso a essas simbologias significativas ajudam na mobilização de potencialidades adormecidas na interioridade do indivíduo, onde as energias psíquicas de cada qual, adaptará e assimilará as mensagens necessárias de acordo com sua fase de desenvolvimento.

Através dos conceitos: arquetipo, relação *ego-Self*, individuação, consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, demonstra-se como acontece a conexão entre os mitos e o desenvolvimento psicológico. E como esse dinamismo, possibilita reformulações no campo consciente de ações e campo inconsciente, proporcionando uma postura mais saudável diante da vida e facilitando o processo de integração do homem.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio foi construindo-se e reformulando-se paulatinamente até chegar à estrutura apresentada. O assunto evidenciado possui profundas raízes em diversas

áreas do saber. Abordá-lo em sua essência requer estudos prolongados, assim este se apresenta ainda, como um caminhante em suas estradas.

A mitologia pode possuir a capacidade de capturar a atenção e o interesse dos homens, entrelaçando-os em suas teias, instigando-os e auxiliando-os de várias formas. Deleitar-se em suas recônditas histórias, para aos poucos ir penetrando em seu mundo de significados ocultos, tem o poder de acender, naqueles que se regozijam em suas águas, grandes compreensões e reencontros.

Assim, disseminar pesquisas e estudos que envolvem o tema pode ampliar o seu grau de alcance, e servir como ferramenta de apoio para aqueles que estão lutando para conquistar e libertar a si mesmo. Além de proporcionar um entendimento para aqueles que se dispõem como acompanhantes e facilitadores do processo de autodescoberta e integração do outro.

Os mitos podem atuar como uma chave para o conhecimento profundo do ser humano, conhecimento este que, vai além do racional, ajudando a tocar certas fronteiras essenciais do complexo mundo psíquico. Retratar a relação entre os mesmos e o desenvolvimento psicológico, mostra o quão rico e denso é a temática.

REFERÊNCIAS

BOECHAT, Walter. **O corpo psicóide**: A crise de paradigma e o problema da relação corpo-mente. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva)-Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.pepas.org/teses/corpo_psicoide.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2011.

_____. **Mitologia Grega**. Vol. 3. Petrópolis: Vozes, 1987.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. 1. ed. São Paulo: Palas Athena, 1991.

_____. **O Herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 2007.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CHAUÍ, Marilena. A experiência do sagrado e a instituição da religião. In: **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 252-268.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 4. ed. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1994.

ÊXODO. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Trad. Domingos Zamagna et al. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 81-124.

JUNG, Carl Gustav. **Aion**: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. 2. ed. Vol. 9/2. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **O eu e o inconsciente**. 8. ed. Vol. 7/2. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Psicologia e Alquimia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **O Homem e seus Símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 2. ed. Vol. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Fundamentos da psicologia analítica**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NEUMANN, Erich. **História da origem da consciência**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

RAMOS, Denise Gimenez; MACHADO JR, Pericles Pinheiro. Individuação e subjetivação. **Revista Viver, mente & Cérebro**: Memória da Psicanálise 2 - Carl Gustav Jung e o resgate do sagrado. 2. ed. São Paulo: Duetto, 2009. p. 42-49. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/21555384/individuacao-e-subjetivacao-machado-e-ramos-2009>>. Acesso em: 03 nov. 2011

SILVEIRA, Nise da. **Jung: Vida e Obra**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. STEIN, Murray. **Jung: O Mapa da Alma**. São Paulo: Cultrix, 2006.

STORR, Anthony. **As idéias de Jung**. São Paulo: Cultrix, 1973.

VERGUEIRO, Paola Vieitas. Jung, entrelinhas: reflexões sobre os fundamentos da teoria junguiana com base no estudo do tema individuação em Cartas. **Psicologia: teoria e prática**. v.10 n.1. São Paulo, 2008. p. 125-143. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100010>. Acesso em: 15 set. 2011.

SOBRE A ORGANIZADORA

ELIANE REGINA PEREIRA - Psicóloga formada pela Universidade do Vale do Itajaí (1995), com mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007, 2011). Atualmente é docente da Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto de Psicologia, integrante do Núcleo de Psicologia Social e da Saúde e Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na linha Processos Psicossociais em Educação e Saúde. Líder do grupo de pesquisa Psicologia, Políticas Públicas e Relações Estéticas (CNPQ). Integra o GT da ANPEPP - A psicologia sócia histórica e o contexto brasileiro de desigualdade social (2017 atual). Atua na área da Psicologia da Saúde, com ênfase em Psicologia Social e nos Processos de Criação em contextos de saúde. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0023990232502452>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem centrada na pessoa 15, 16, 17, 18

Abuso de drogas 152, 153

Ansiedade 11, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 41, 77, 81, 84, 131, 134, 161, 162, 163, 186, 188, 190, 201, 205, 225, 273, 274, 301, 323, 385, 393, 401, 402, 417, 421, 440, 442, 448

Atenção básica em saúde 127, 132, 140, 141

Atenção psicológica 127, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141

B

Bem-estar 11, 71, 78, 79, 143, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 163, 168, 178, 186, 187, 192, 198, 223, 226, 227, 322, 346, 362, 368, 386, 400, 423, 424, 425, 453

Blog 26, 29, 30, 31, 40, 41, 42

C

Comportamento 18, 19, 45, 47, 48, 52, 53, 54, 60, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 70, 72, 74, 143, 149, 150, 153, 158, 165, 172, 177, 202, 207, 210, 211, 225, 226, 233, 234, 252, 255, 268, 281, 292, 295, 301, 302, 307, 308, 310, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 336, 342, 343, 346, 351, 356, 358, 359, 360, 361, 362, 365, 366, 367, 374, 375, 383, 385, 386, 387, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 404, 411, 412, 416, 417, 433, 440, 448, 452, 454, 455, 457, 459

Cuidados com o cuidador 127

Cuidados paliativos 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 190

D

Dependência química 165, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 200, 356

Depressão 9, 15, 16, 17, 20, 23, 24, 54, 65, 74, 77, 81, 84, 129, 138, 147, 149, 150, 162, 163, 186, 188, 190, 194, 211, 217, 225, 279, 337, 385, 386, 393, 417, 419, 421, 440

Desenvolvimento infantil 45, 47, 52, 61, 66, 70, 71, 72, 433, 436, 437

Direitos da criança 99, 100, 106, 112

E

Epidemiologia 191, 207

Espiritualidade 28, 36, 108, 177, 190, 193, 215, 224, 225, 226, 227, 377, 405, 406, 409, 410, 413, 414

Estresse 77, 78, 79, 129, 131, 134, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 190, 211, 223, 268, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 393, 421, 439, 440, 441, 442, 443

Extensão universitária 15, 16, 17

F

Família 11, 39, 40, 46, 54, 55, 57, 60, 61, 64, 67, 68, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 89, 90, 92, 95, 98, 99, 105, 107, 108, 109, 111, 128, 129, 130, 134, 137, 138, 140, 141,

142, 144, 147, 148, 160, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 185, 186, 188, 198, 220, 221, 227, 253, 267, 273, 275, 278, 279, 280, 282, 306, 311, 314, 323, 324, 325, 331, 332, 333, 336, 414, 419, 429, 443, 445, 447, 448, 450
Fatores de risco 45, 49, 50, 52, 57, 58, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 82, 84, 105, 111, 152, 153, 154, 161, 177, 189, 207, 210, 217, 219, 221, 349

G

Gestação 26, 27, 28, 29, 37, 45, 46, 50, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 65, 69, 70, 73, 74, 77
Gravidez assistida 45, 46

I

Idoso 93, 95, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 217, 431
Intervenções psicossociais 86, 87, 89

L

Luto 13, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 38, 39, 42, 43, 44, 76, 79, 83, 138, 185, 193, 336, 401, 427, 428, 429, 431, 445, 448, 450

M

Mal-estar 131, 196, 197, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 223, 275, 343
Maternidade 26, 30, 35, 44, 57, 81, 83, 322, 449
Morte 27, 28, 29, 33, 36, 42, 43, 44, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 138, 177, 181, 182, 198, 204, 208, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 250, 252, 254, 279, 340, 351, 353, 407, 410, 417, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 442, 448, 450
Multidisciplinar 35, 42, 76, 79, 102, 110, 127, 131, 140, 165, 171, 187, 296, 298

P

Parto 26, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 45, 46, 47, 48, 55, 58, 59, 60, 61, 73, 82, 84
Perda gestacional 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 41, 43, 44
Perda neonatal 26
Personality disorders 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126
Políticas públicas 86, 87, 88, 90, 91, 94, 95, 97, 100, 101, 110, 112, 131, 138, 141, 163, 260, 261, 268, 278, 280, 314, 380, 458, 459, 463, 464
Prevenção 42, 76, 91, 99, 109, 110, 112, 131, 171, 178, 207, 208, 210, 211, 212, 228, 301, 305, 307, 312, 341, 345, 348, 352, 353, 366, 416, 420, 450
Primary health care 111, 112, 114, 117, 121, 127, 128
Promoção da saúde 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 96, 134, 171
Psicanálise 112, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 219, 229, 241, 259, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 384, 386, 404, 405, 406, 432, 434, 437, 438
Psicologia positiva 143, 144, 146, 147, 149, 150, 151, 395

Q

Quality of life 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 191, 349, 356, 423

R

Recém-nascido 48, 50, 59, 60, 73, 75, 78, 80, 81, 84, 85, 233, 457

Relações familiares 109, 165, 170, 171, 174, 175

Religiosidade 108, 177, 193, 215, 224, 225, 226, 227, 228

Revisão de literatura 80, 82, 99, 273, 348, 422, 423, 424

S

Sofrimento psíquico 185, 186, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 204, 276

Suicídio 207, 208, 210, 211, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 410, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 428

U

Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) 75, 80

Universitários 152, 153, 154, 155, 159, 160, 162, 163, 192, 372, 419

V

Violência na família 99

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-736-9



9 788572 477369